

Cenário radiofônico Sulmaranhense – mapeamento e análises preliminares

Escenario radiofónico Sulmaranhense – mapeo y análisis preliminar

Radio scenario Sulmaranhense – mapping and preliminary analysis

Graziela Soares Bianchi

Doutora. Professora da Pós-Graduação em Jornalismo (Mestrado) e Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Email: grazielabianchi@yahoo.com.br

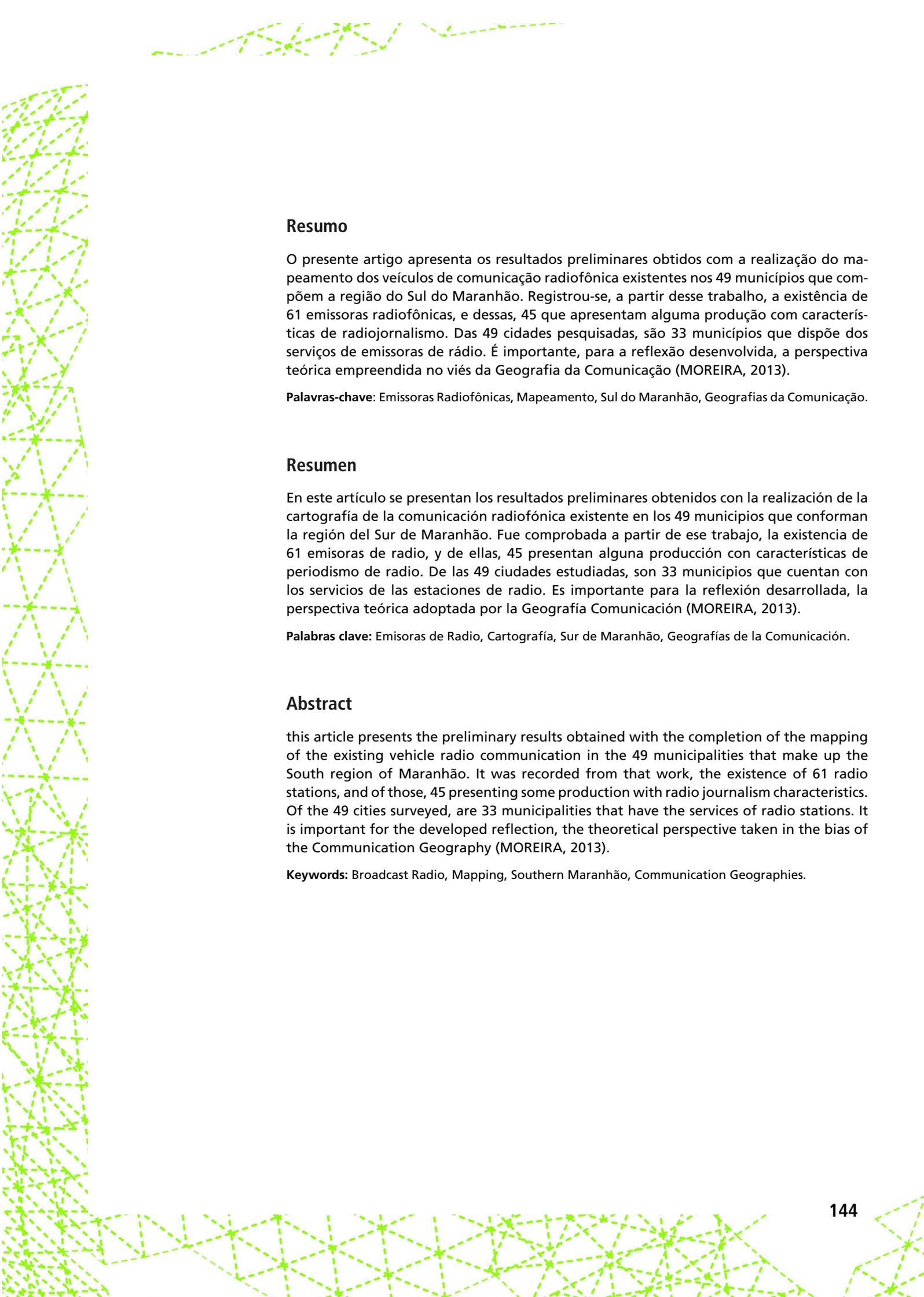
Nayane Rodrigues de Brito

Jornalista e Historiadora. Mestranda em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Email: nayanebritojornalista@gmail.com

Artigo submetido em 15/05/2016

Artigo aprovado em 01/07/2016



Resumo

O presente artigo apresenta os resultados preliminares obtidos com a realização do mapeamento dos veículos de comunicação radiofônica existentes nos 49 municípios que compõem a região do Sul do Maranhão. Registrou-se, a partir desse trabalho, a existência de 61 emissoras radiofônicas, e dessas, 45 que apresentam alguma produção com características de radiojornalismo. Das 49 cidades pesquisadas, são 33 municípios que dispõem dos serviços de emissoras de rádio. É importante, para a reflexão desenvolvida, a perspectiva teórica empreendida no viés da Geografia da Comunicação (MOREIRA, 2013).

Palavras-chave: Emissoras Radiofônicas, Mapeamento, Sul do Maranhão, Geografias da Comunicação.

Resumen

En este artículo se presentan los resultados preliminares obtenidos con la realización de la cartografía de la comunicación radiofónica existente en los 49 municipios que conforman la región del Sur de Maranhão. Fue comprobada a partir de ese trabajo, la existencia de 61 emisoras de radio, y de ellas, 45 presentan alguna producción con características de periodismo de radio. De las 49 ciudades estudiadas, son 33 municipios que cuentan con los servicios de las estaciones de radio. Es importante para la reflexión desarrollada, la perspectiva teórica adoptada por la Geografía Comunicación (MOREIRA, 2013).

Palabras clave: Emisoras de Radio, Cartografía, Sur de Maranhão, Geografías de la Comunicación.

Abstract

this article presents the preliminary results obtained with the completion of the mapping of the existing vehicle radio communication in the 49 municipalities that make up the South region of Maranhão. It was recorded from that work, the existence of 61 radio stations, and of those, 45 presenting some production with radio journalism characteristics. Of the 49 cities surveyed, are 33 municipalities that have the services of radio stations. It is important for the developed reflection, the theoretical perspective taken in the bias of the Communication Geography (MOREIRA, 2013).

Keywords: Broadcast Radio, Mapping, Southern Maranhão, Communication Geographies.

Considerações iniciais

O rádio, seja transmitido pelas tradicionais ondas hertzianas ou por meios digitais, ocupa um destacado lugar no cotidiano das pessoas e, desde sua gênese, buscou um diferencial frente aos demais meios de comunicação, especialmente em razão da proximidade que intenta manter com os ouvintes. Os elementos da linguagem radiofônica (voz, música, efeitos sonoros e silêncio), separados ou juntos, transmitem uma série de mensagens. Ferraretto (2014) afere que esses elementos direcionam os modos de escuta do público. Para o autor:

O bom profissional de rádio parte de um conceito em relação ao que pretende produzir e, com base nessa definição, planeja e executa o seu produto, tendo claro o papel de cada elemento da linguagem em relação aos objetivos pretendidos (FERRARETTO, 2014, p. 32).

Em regiões interioranas brasileiras a atuação das emissoras radiofônicas torna-se ainda mais relevante, ao se considerar que em algumas localidades elas se estabelecem como único meio de comunicação com transmissões de informações locais. Essa é uma realidade verificada *in logo* em algumas cidades localizadas no Sul do estado do Maranhão. Segundo Peruzzo (2005, p. 69), a mídia local tem relação com informação de proximidade, “[...] ela é perpassada por distorções motivadas pela forma com que as relações de produção das notícias e de outros conteúdos midiáticos se processam, mas de uma maneira geral cumpre uma importante função social”.

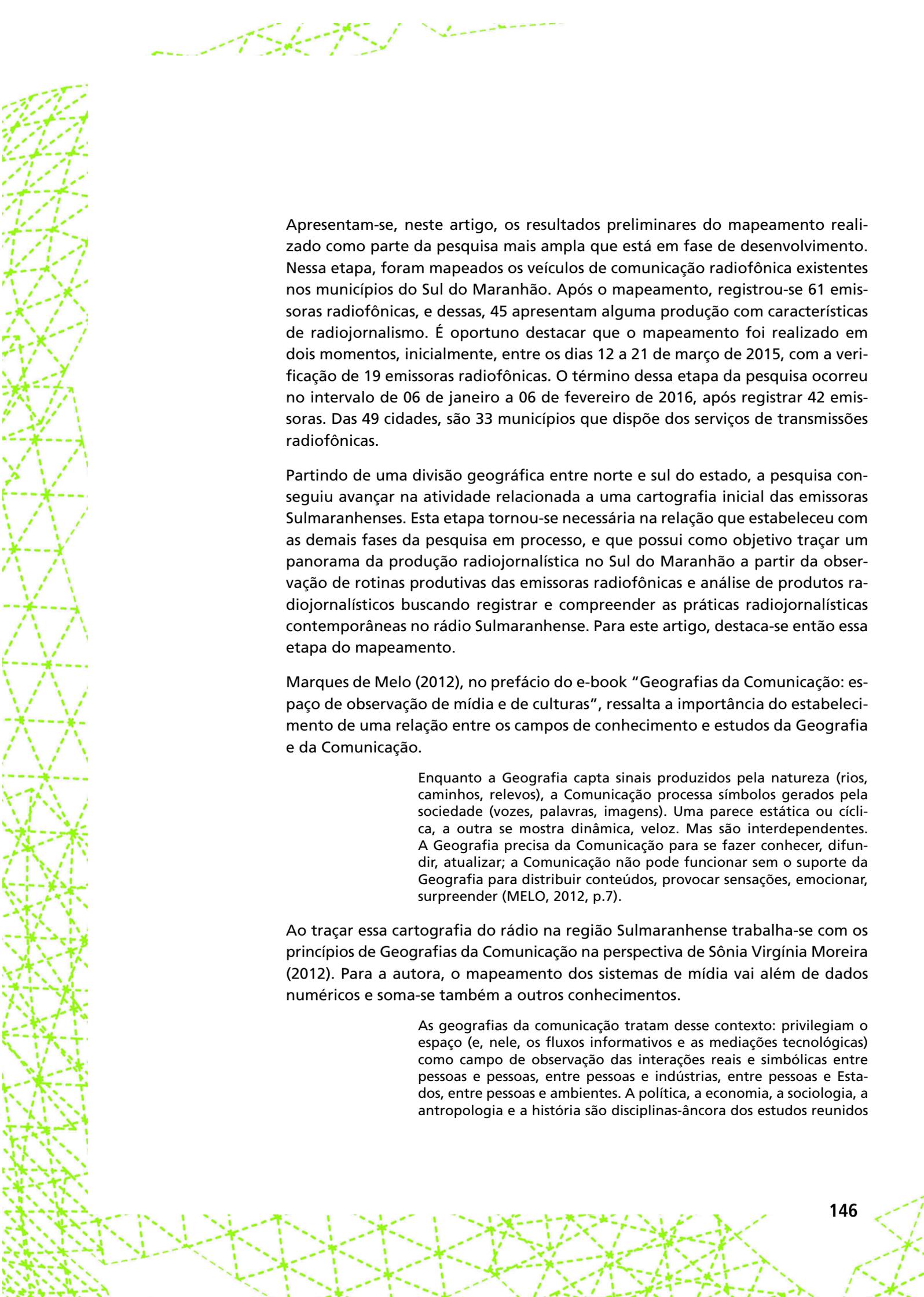
Essa parte do território maranhense é dividida em 49 cidades¹ e faz fronteira com os estados do Pará, Tocantins e Piauí. A região apresenta formações de serras, vegetação com florestas e cerrado. Sete microrregiões formam essa parte do estado – microrregião dos Gerais de Balsas, de Porto Franco, das Chapadas das Mangabeiras, de Imperatriz, de Pindaré, Alto Mearim e Grajaú e das Chapadas do Alto Itapecuru.

A configuração do Norte e Sul do Maranhão é distinta historicamente, e também em termos geográficos, econômicos, sociais e culturais. A exploração do território Sulmaranhense² inicia mais de um século depois dos portugueses dominarem o Norte. A área começou a ser habitada por criadores de gado que constituíam uma frente pastoril vinda da Bahia e Pernambuco em busca de terras para os seus rebanhos. As fazendas de gado já ocupavam boa parte do Sul do estado no início do século XIX. Franklin e Sousa (2013) tecem críticas quando ao descaso dessa região por muito tempo.

As distintas formas de organização social, os diferentes modos de desenvolvimento das atividades econômicas e até mesmo as distintas configurações das paisagens naturais da porção Sul se apresentam como elementos essenciais a uma adequada interpretação da diversidade do espaço regional maranhense. Estas diferenças adquirem fortes expressões em face da diversidade edificada historicamente, especialmente, as distâncias e descasos cometidos no exercício do poder centralizado conduzido pelo Norte do Estado (FRANKLIN; SOUSA, 2013, p. 40).

1 As cidades são: Alto Parnaíba, Balsas, Feira Nova do Maranhão, Riachão, Tasso Fragoso, Campestre do Maranhão, Carolina, Estreito, Porto Franco, São João do Paraíso, São Pedro dos Crentes, Benedito Leite, Fortaleza dos Nogueiras, Loreto, Nova Colinas, Sambaíba, São Domingos do Azeitão, São Félix de Balsas, São Raimundo das Mangabeiras, Açailândia, Amarante do Maranhão, Buritirana, Cidelândia, Davinópolis, Governador Edison Lobão, Imperatriz, Itinga do Maranhão, João Lisboa, Lajeado Novo, Montes Altos, Ribamar Fiquene, São Francisco do Brejão, São Pedro da Água Branca, Senador La Rocque, Vila Nova dos Martírios, Bom Jesus das Selvas, Buriticupu, Arame, Barra do Corda, Fernando Falcão, Formosa da Serra Negra, Grajaú, Itaipava do Grajaú, Jenipapo dos Vieiras, Sítio Novo, Mirador, Nova Iorque, Pastos Bons, Sucupira do Norte.

2 Especialistas maranhenses da área de geografia, em certos momentos, grafam “Sul do Maranhão” como “Sulmaranhense”. Será adotada esta forma de escrita.



Apresentam-se, neste artigo, os resultados preliminares do mapeamento realizado como parte da pesquisa mais ampla que está em fase de desenvolvimento. Nessa etapa, foram mapeados os veículos de comunicação radiofônica existentes nos municípios do Sul do Maranhão. Após o mapeamento, registrou-se 61 emissoras radiofônicas, e dessas, 45 apresentam alguma produção com características de radiojornalismo. É oportuno destacar que o mapeamento foi realizado em dois momentos, inicialmente, entre os dias 12 a 21 de março de 2015, com a verificação de 19 emissoras radiofônicas. O término dessa etapa da pesquisa ocorreu no intervalo de 06 de janeiro a 06 de fevereiro de 2016, após registrar 42 emissoras. Das 49 cidades, são 33 municípios que dispõem dos serviços de transmissões radiofônicas.

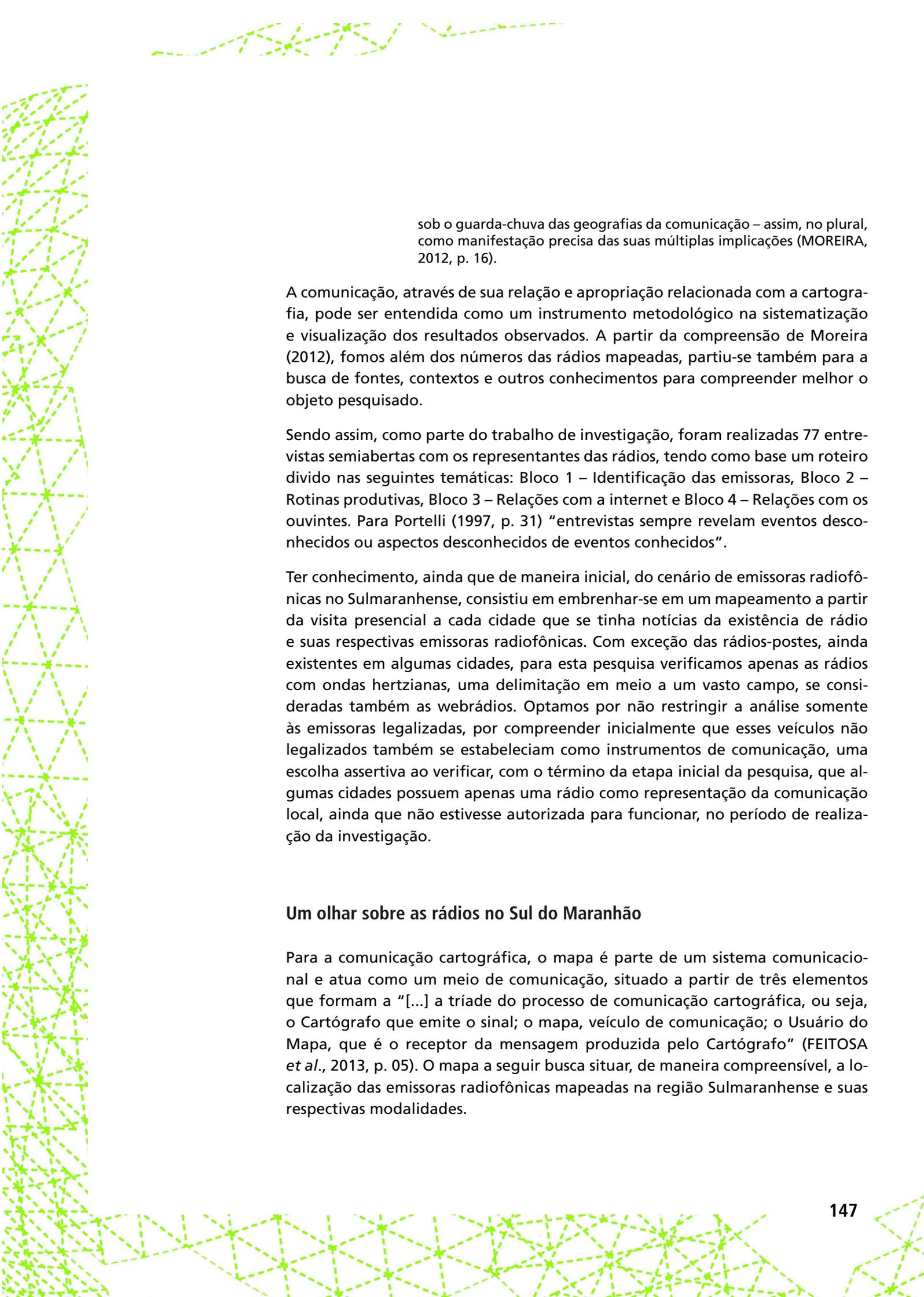
Partindo de uma divisão geográfica entre norte e sul do estado, a pesquisa conseguiu avançar na atividade relacionada a uma cartografia inicial das emissoras Sulmaranhenses. Esta etapa tornou-se necessária na relação que estabeleceu com as demais fases da pesquisa em processo, e que possui como objetivo traçar um panorama da produção radiojornalística no Sul do Maranhão a partir da observação de rotinas produtivas das emissoras radiofônicas e análise de produtos radiojornalísticos buscando registrar e compreender as práticas radiojornalísticas contemporâneas no rádio Sulmaranhense. Para este artigo, destaca-se então essa etapa do mapeamento.

Marques de Melo (2012), no prefácio do e-book “Geografias da Comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas”, ressalta a importância do estabelecimento de uma relação entre os campos de conhecimento e estudos da Geografia e da Comunicação.

Enquanto a Geografia capta sinais produzidos pela natureza (rios, caminhos, relevos), a Comunicação processa símbolos gerados pela sociedade (vozes, palavras, imagens). Uma parece estática ou cíclica, a outra se mostra dinâmica, veloz. Mas são interdependentes. A Geografia precisa da Comunicação para se fazer conhecer, difundir, atualizar; a Comunicação não pode funcionar sem o suporte da Geografia para distribuir conteúdos, provocar sensações, emocionar, surpreender (MELO, 2012, p.7).

Ao traçar essa cartografia do rádio na região Sulmaranhense trabalha-se com os princípios de Geografias da Comunicação na perspectiva de Sônia Virginia Moreira (2012). Para a autora, o mapeamento dos sistemas de mídia vai além de dados numéricos e soma-se também a outros conhecimentos.

As geografias da comunicação tratam desse contexto: privilegiam o espaço (e, nele, os fluxos informativos e as mediações tecnológicas) como campo de observação das interações reais e simbólicas entre pessoas e pessoas, entre pessoas e indústrias, entre pessoas e Estados, entre pessoas e ambientes. A política, a economia, a sociologia, a antropologia e a história são disciplinas-âncora dos estudos reunidos



sob o guarda-chuva das geografias da comunicação – assim, no plural, como manifestação precisa das suas múltiplas implicações (MOREIRA, 2012, p. 16).

A comunicação, através de sua relação e apropriação relacionada com a cartografia, pode ser entendida como um instrumento metodológico na sistematização e visualização dos resultados observados. A partir da compreensão de Moreira (2012), fomos além dos números das rádios mapeadas, partiu-se também para a busca de fontes, contextos e outros conhecimentos para compreender melhor o objeto pesquisado.

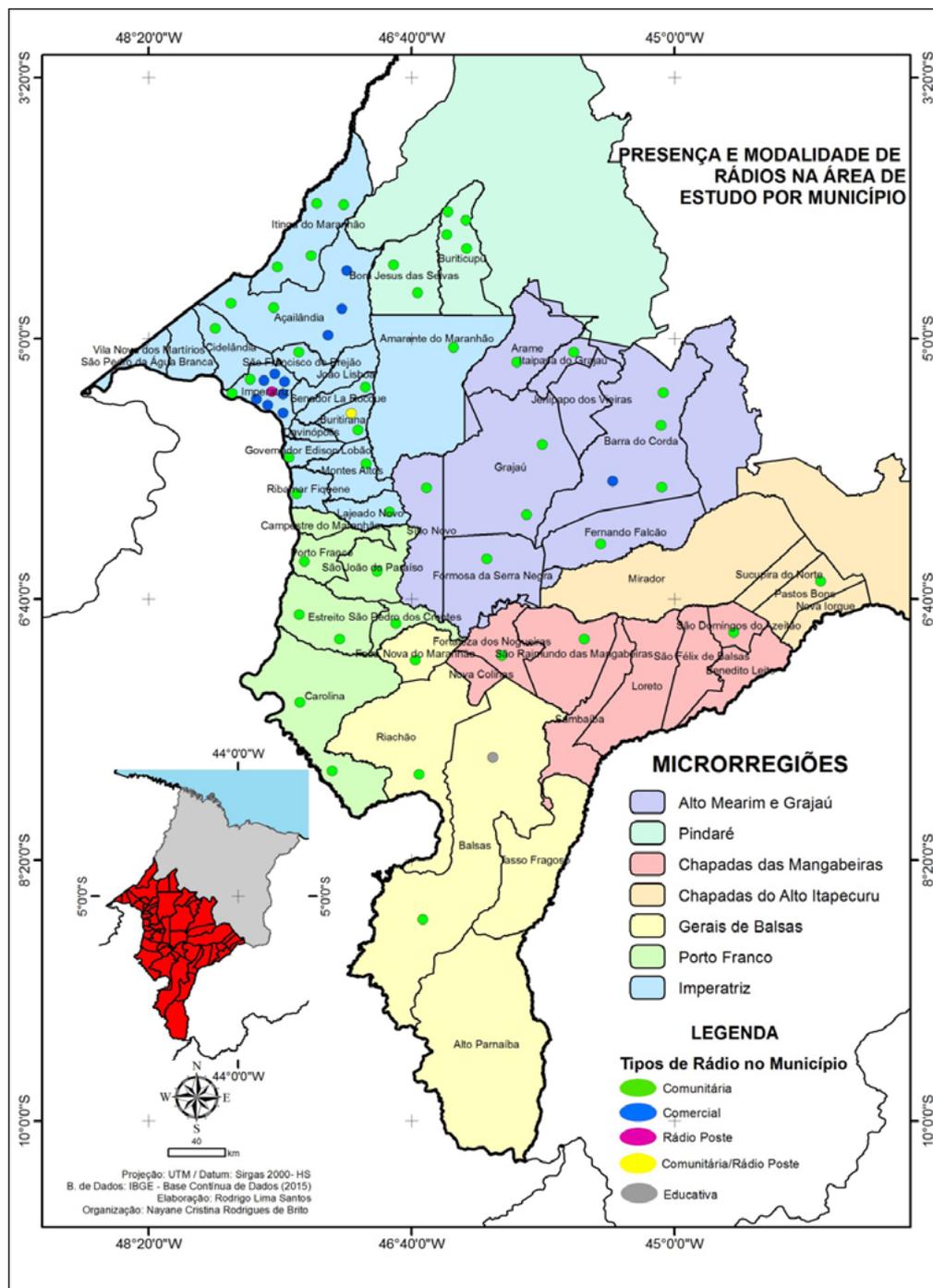
Sendo assim, como parte do trabalho de investigação, foram realizadas 77 entrevistas semiabertas com os representantes das rádios, tendo como base um roteiro dividido nas seguintes temáticas: Bloco 1 – Identificação das emissoras, Bloco 2 – Rotinas produtivas, Bloco 3 – Relações com a internet e Bloco 4 – Relações com os ouvintes. Para Portelli (1997, p. 31) “entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos”.

Ter conhecimento, ainda que de maneira inicial, do cenário de emissoras radiofônicas no Sulmaranhense, consistiu em embrenhar-se em um mapeamento a partir da visita presencial a cada cidade que se tinha notícias da existência de rádio e suas respectivas emissoras radiofônicas. Com exceção das rádios-postes, ainda existentes em algumas cidades, para esta pesquisa verificamos apenas as rádios com ondas hertzianas, uma delimitação em meio a um vasto campo, se consideradas também as webrádios. Optamos por não restringir a análise somente às emissoras legalizadas, por compreender inicialmente que esses veículos não legalizados também se estabeleciam como instrumentos de comunicação, uma escolha assertiva ao verificar, com o término da etapa inicial da pesquisa, que algumas cidades possuem apenas uma rádio como representação da comunicação local, ainda que não estivesse autorizada para funcionar, no período de realização da investigação.

Um olhar sobre as rádios no Sul do Maranhão

Para a comunicação cartográfica, o mapa é parte de um sistema comunicacional e atua como um meio de comunicação, situado a partir de três elementos que formam a “[...] a tríade do processo de comunicação cartográfica, ou seja, o Cartógrafo que emite o sinal; o mapa, veículo de comunicação; o Usuário do Mapa, que é o receptor da mensagem produzida pelo Cartógrafo” (FEITOSA *et al.*, 2013, p. 05). O mapa a seguir busca situar, de maneira compreensível, a localização das emissoras radiofônicas mapeadas na região Sulmaranhense e suas respectivas modalidades.

Figura 1 – Presença e modalidade de emissoras de rádio na região Sulmaranhense



Fonte: As autoras.

Na leitura do mapa, observa-se inicialmente o recorte ampliado da parte Sul do Maranhão. Nele, dividem-se e diferenciam-se as sete microrregiões por cores com suas respectivas cidades. A presença das rádios nos municípios está demarcada

por círculos, são 61 emissoras mapeadas, e suas cores definem as modalidades de rádio. Os círculos verdes indicam as emissoras comunitárias, visivelmente a maioria, com o total de 48 rádios, 79% do total das emissoras registradas; verifica-se que 18% são os círculos azuis que indicam as 11 rádios comerciais; a rádio educativa Boa Notícia, de Balsas, representada pelo círculo cinza, corresponde a 1,5% das emissoras radiofônicas. Por sua vez, a rádio-poste Caema, indicada em rosa, está localizada na cidade de Imperatriz, indica 1,5%. O círculo amarelo representa a rádio comunitária que também é uma rádio-poste. Os representantes da rádio distribuíram 30 caixas de som na cidade de Buritirana. Por transmitir exclusivamente a mesma programação da rádio Esperança, ela está sendo somada no total de rádios comunitárias.

Na cidade de Imperatriz é registrado o maior número de emissoras, são dez rádios, entre elas, duas emissoras comunitárias, sete comerciais e uma rádio-poste. A segunda cidade com maior quantidade de rádios é Açailândia, que dispõe dos serviços de cinco veículos radiofônicos, três comerciais e duas comunitárias. Essas duas localidades abarcam dez das 11 emissoras comerciais e estão inseridas na microrregião de Imperatriz, a área que agrupa o maior número de rádios.

É possível também relacionar aspectos econômicos com a quantidade e modalidade de rádios por microrregião. Quanto mais desenvolvida a economia do local, maior é o interesse de empresários e políticos pela implantação de veículos de comunicação. Ressalta-se que Imperatriz e Açailândia são importantes polos econômicos na região sul do estado, estão entre os cinco municípios do Maranhão com maior Produto Interno Bruto (PIB). Na base de dados do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC) encontram-se tabelas com o PIB dos municípios nos anos 2010 – 2013. Destaca-se o início da tabela do ano de 2013.

Imagem 1 – Tabela do Produto Interno Bruto do Maranhão



Tabela 4 - PIB a preço de mercado corrente, percentual de participação no PIB, valores agregados a preços correntes. Ano de 2013

MARANHÃO		67.592.890	100%	6.838.067	11.366.496	41.721.318
MUNICÍPIOS	Nº	PIB mil R\$	% do PIB	VA Agropecuária mil R\$	VA Indústria mil R\$	VA Serviços mil R\$
São Luís	1º	23.132.344	34,22	23.595	4.911.046	13.647.447
Imperatriz	2º	5.039.597	7,46	33.349	914.273	3.380.724
Balsas	3º	2.513.786	3,72	671.310	258.706	1.342.902
Santo Antônio dos Lopes	4º	1.819.233	0,17	19.305	1.341.156	349.166
Açailândia	5º	1.578.986	2,34	129.324	388.421	877.397

Fonte: Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC).

3 Dados do IBGE, disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=210530&search=maranhao|imperatriz>. Acessado em: 02 de março de 2016.

4 Dados do IBGE, disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=210005&search=maranhao|acaillandia>. Acessado em: 02 de março de 2016.

Com o segundo maior PIB do estado, Imperatriz é um município com uma estimativa de 253.123 mil habitantes³ em 2015. A cidade tornou-se uma das mais importantes da parte sul do estado. Populações de regiões próximas buscam em Imperatriz os serviços de saúde em hospitais públicos e privados, universidades, faculdades. O único aeroporto, além do localizado na capital do estado, e os setores atacadista e varejista estão em Imperatriz (FRANKLIN; SOUSA, 2013).

Açailândia é a cidade com uma população estimada em 2015 de 109.685 mil habitantes⁴. É atravessada pelas rodovias Belém–Brasília e BR 222, além das ferrovias Carajás e Norte–Sul. Apesar dos valores agregados da agropecuária do município serem o segundo maior da região, ficando atrás apenas de Balsas, a localização geográfica e as vias favorecem o escoamento do ferro-gusa, o principal produto industrial do município, produzido nas indústrias siderúrgicas instaladas no distrito industrial do Pequiá.

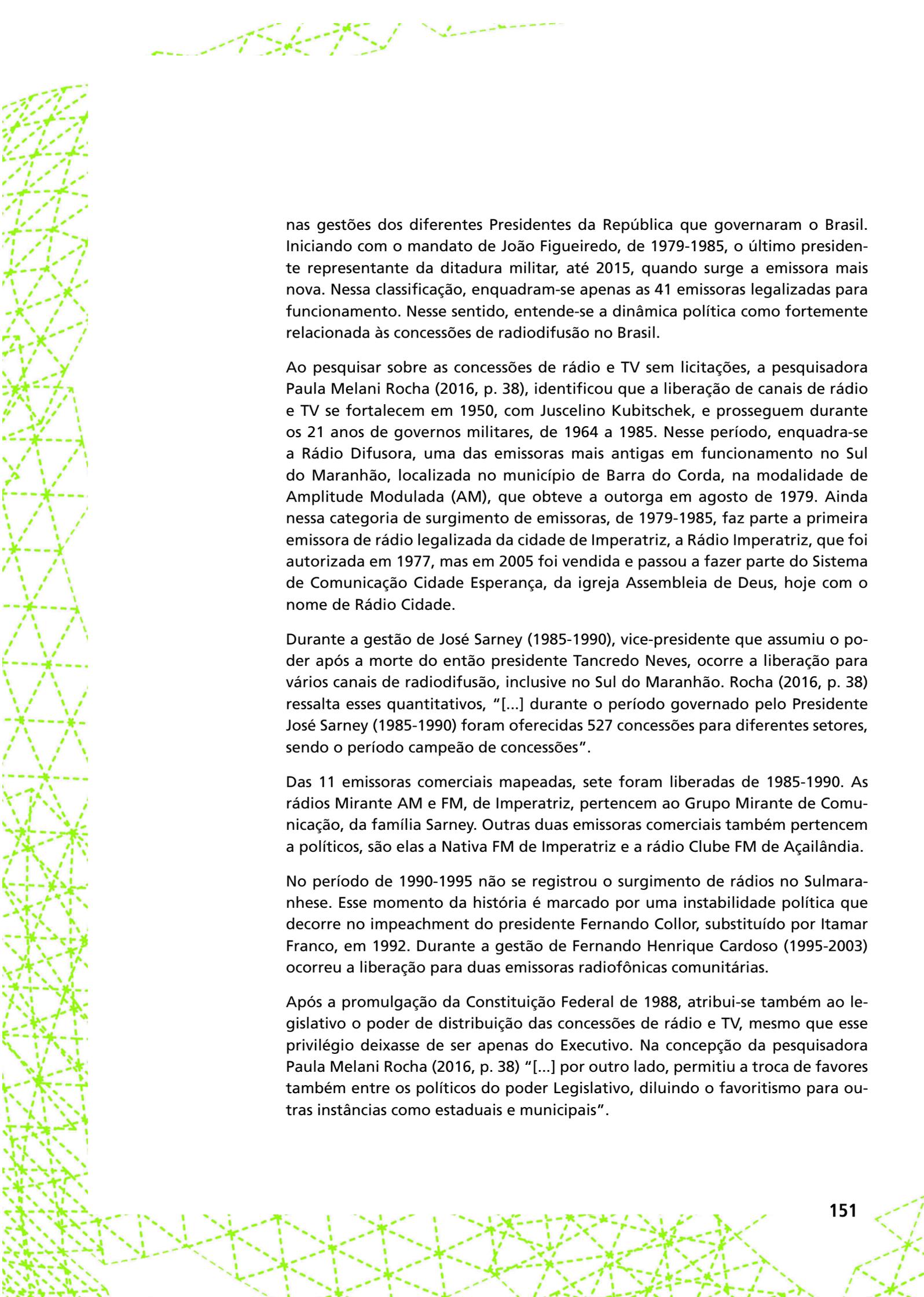
Observa-se ainda, pela representação do mapa, que nas microrregiões dos Gerais de Balsas, Chapadas das Mangabeiras, Chapadas do Alto Itapecuru estão o menor número de veículos radiofônicos. São emissoras comunitárias e a educativa no município de Balsas. Com exceção dessa cidade, que tem o terceiro maior PIB do estado, com destaque para a produção de soja, os demais municípios não apresentam economia significativa. Nessa parte Sulmaranhense, dez cidades não dispõem de emissoras radiofônicas.

Pela quantidade de círculos verdes no mapa, em uma primeira observação, mesmo a mais rápida, é nítida a percepção de que a maioria das rádios são comunitárias. É oportuno mencionar que das 48 emissoras, 19 ainda não foram legalizadas, ou seja, 40% ainda funcionam sem outorga e atuam com o receio de a qualquer momento ter seus equipamentos apreendidos pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel).

Surgimento das emissoras

O território Sulmaranhense, segundo os dados obtidos na realização do mapeamento, teve as primeiras experiências de emissoras radiofônicas legalizadas na década de 1970. Considera-se tardio o início do rádio legalizado nessa região, se comparado com as primeiras experiências de rádio na perspectiva nacional, em inícios do século XX. Cabe ainda destacar que no norte do Maranhão a Rádio Difusora é implantada, em São Luís, na década de 1940, a partir das solicitações do interventor Paulo Ramos (PINHEIRO, 2005).

Optou-se por realizar uma divisão em seis categorias, divididas em períodos (1979-1985, 1985-1990, 1990-1995, 1995-2003, 2003-2011 e 2011-2015), para enquadrar o surgimento das emissoras na região verificada, uma delimitação baseada



nas gestões dos diferentes Presidentes da República que governaram o Brasil. Iniciando com o mandato de João Figueiredo, de 1979-1985, o último presidente representante da ditadura militar, até 2015, quando surge a emissora mais nova. Nessa classificação, enquadram-se apenas as 41 emissoras legalizadas para funcionamento. Nesse sentido, entende-se a dinâmica política como fortemente relacionada às concessões de radiodifusão no Brasil.

Ao pesquisar sobre as concessões de rádio e TV sem licitações, a pesquisadora Paula Melani Rocha (2016, p. 38), identificou que a liberação de canais de rádio e TV se fortalecem em 1950, com Juscelino Kubitschek, e prosseguem durante os 21 anos de governos militares, de 1964 a 1985. Nesse período, enquadra-se a Rádio Difusora, uma das emissoras mais antigas em funcionamento no Sul do Maranhão, localizada no município de Barra do Corda, na modalidade de Amplitude Modulada (AM), que obteve a outorga em agosto de 1979. Ainda nessa categoria de surgimento de emissoras, de 1979-1985, faz parte a primeira emissora de rádio legalizada da cidade de Imperatriz, a Rádio Imperatriz, que foi autorizada em 1977, mas em 2005 foi vendida e passou a fazer parte do Sistema de Comunicação Cidade Esperança, da igreja Assembleia de Deus, hoje com o nome de Rádio Cidade.

Durante a gestão de José Sarney (1985-1990), vice-presidente que assumiu o poder após a morte do então presidente Tancredo Neves, ocorre a liberação para vários canais de radiodifusão, inclusive no Sul do Maranhão. Rocha (2016, p. 38) ressalta esses quantitativos, “[...] durante o período governado pelo Presidente José Sarney (1985-1990) foram oferecidas 527 concessões para diferentes setores, sendo o período campeão de concessões”.

Das 11 emissoras comerciais mapeadas, sete foram liberadas de 1985-1990. As rádios Mirante AM e FM, de Imperatriz, pertencem ao Grupo Mirante de Comunicação, da família Sarney. Outras duas emissoras comerciais também pertencem a políticos, são elas a Nativa FM de Imperatriz e a rádio Clube FM de Açailândia.

No período de 1990-1995 não se registrou o surgimento de rádios no Sulmaranhense. Esse momento da história é marcado por uma instabilidade política que decorre no impeachment do presidente Fernando Collor, substituído por Itamar Franco, em 1992. Durante a gestão de Fernando Henrique Cardoso (1995-2003) ocorreu a liberação para duas emissoras radiofônicas comunitárias.

Após a promulgação da Constituição Federal de 1988, atribui-se também ao legislativo o poder de distribuição das concessões de rádio e TV, mesmo que esse privilégio deixasse de ser apenas do Executivo. Na concepção da pesquisadora Paula Melani Rocha (2016, p. 38) “[...] por outro lado, permitiu a troca de favores também entre os políticos do poder Legislativo, diluindo o favoritismo para outras instâncias como estaduais e municipais”.

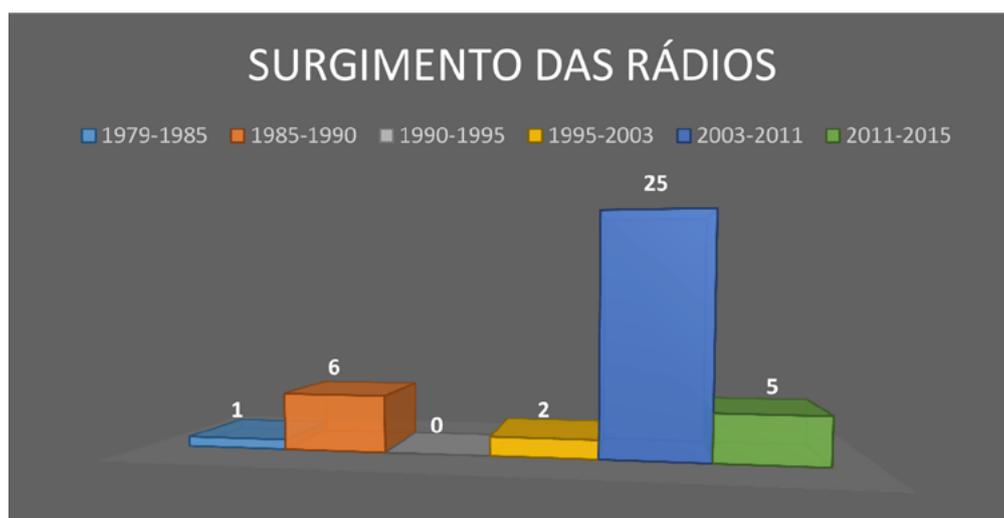
5 Mais detalhes da lei de Serviço de Radiodifusão Comunitária (RdCom) verificar em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9612.htm. Acesso em 02 de abril de 2015.

A perspectiva da autora pode ser verificada nos governos já citados e continua nos oito anos de mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011). Das 41 emissoras legalizadas no Sul do Maranhão, 25 foram outorgadas de 2003 a 2011, desse total, 23 rádios conseguiram outorga de radiodifusão comunitária. Quanto a essas emissoras, ainda não é possível destacar ligações políticas porque elas estão em nomes de associações, mas a partir das narrativas dos entrevistados, há a informação de que muitas surgem em decorrência da atuação ou “favores” a prefeitos, deputados estaduais e federais.

A maioria dessas rádios, inicialmente, atuava sem autorização. Cabe destacar que algumas surgiram no final da década de 1990 e início de 2000. Emissoras eram lacradas, representantes presos e equipamentos apreendidos. Essa foi, e ainda é, a realidade de muitas rádios comunitárias no Brasil. Após discussões no Congresso Nacional e no meio popular, em 1998, aprova-se a Lei nº 9.612⁵ para regulamentar o Serviço de Radiodifusão Comunitária (RadCom). Apesar da regulamentação, representantes de emissoras criticam os limites impostos pela lei para atuação. São emissoras com modulação FM, de alcance máximo de 1 km a partir de sua antena transmissora, com 25 watts de potência de transmissão irradiada.

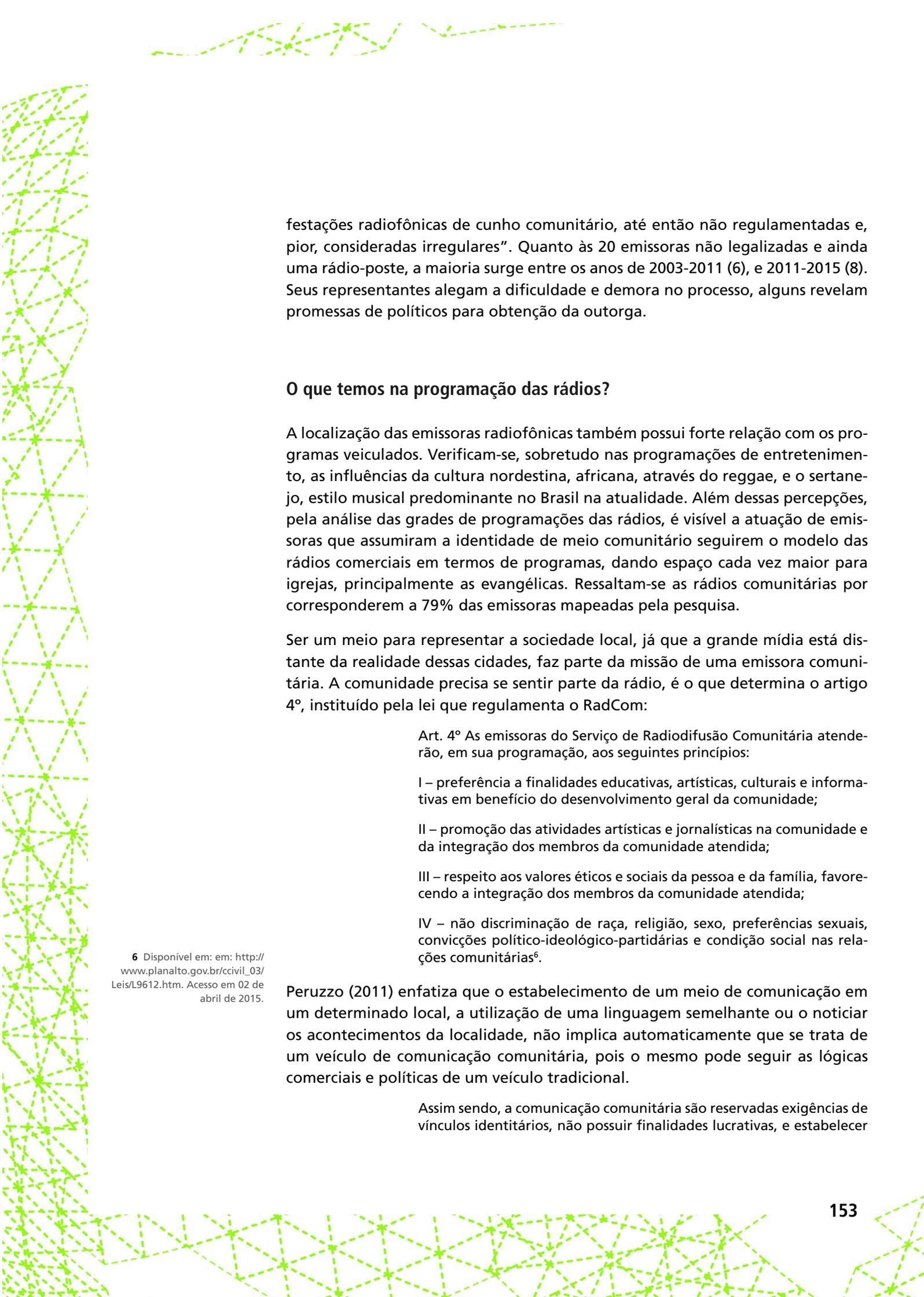
Na última categoria descrita, de 2011-2015, na administração da presidenta Dilma Rousseff, registram-se cinco emissoras, uma comercial e as demais comunitárias. O Gráfico 1, a seguir, sintetiza as informações quanto ao surgimento das emissoras no Sulmaranhense.

Gráfico 1 – Quatro categorias que apresentam o surgimento das emissoras Sulmaranhenses



Fonte: As autoras.

Observa-se, em função das datas, que uma das principais motivações para o surgimento das emissoras comunitárias nessa região advém da implantação da RadCom. Conforme enfatiza Neuberger (2012, p. 24), a lei “trouxe luz às mani-



festações radiofônicas de cunho comunitário, até então não regulamentadas e, pior, consideradas irregulares”. Quanto às 20 emissoras não legalizadas e ainda uma rádio-poste, a maioria surge entre os anos de 2003-2011 (6), e 2011-2015 (8). Seus representantes alegam a dificuldade e demora no processo, alguns revelam promessas de políticos para obtenção da outorga.

O que temos na programação das rádios?

A localização das emissoras radiofônicas também possui forte relação com os programas veiculados. Verificam-se, sobretudo nas programações de entretenimento, as influências da cultura nordestina, africana, através do reggae, e o sertanejo, estilo musical predominante no Brasil na atualidade. Além dessas percepções, pela análise das grades de programações das rádios, é visível a atuação de emissoras que assumiram a identidade de meio comunitário seguem o modelo das rádios comerciais em termos de programas, dando espaço cada vez maior para igrejas, principalmente as evangélicas. Ressaltam-se as rádios comunitárias por corresponderem a 79% das emissoras mapeadas pela pesquisa.

Ser um meio para representar a sociedade local, já que a grande mídia está distante da realidade dessas cidades, faz parte da missão de uma emissora comunitária. A comunidade precisa se sentir parte da rádio, é o que determina o artigo 4º, instituído pela lei que regulamenta o RadCom:

Art. 4º As emissoras do Serviço de Radiodifusão Comunitária atenderão, em sua programação, aos seguintes princípios:

I – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas em benefício do desenvolvimento geral da comunidade;

II – promoção das atividades artísticas e jornalísticas na comunidade e da integração dos membros da comunidade atendida;

III – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família, favorecendo a integração dos membros da comunidade atendida;

IV – não discriminação de raça, religião, sexo, preferências sexuais, convicções político-ideológico-partidárias e condição social nas relações comunitárias⁶.

Peruzzo (2011) enfatiza que o estabelecimento de um meio de comunicação em um determinado local, a utilização de uma linguagem semelhante ou o noticiar os acontecimentos da localidade, não implica automaticamente que se trata de um veículo de comunicação comunitária, pois o mesmo pode seguir as lógicas comerciais e políticas de um veículo tradicional.

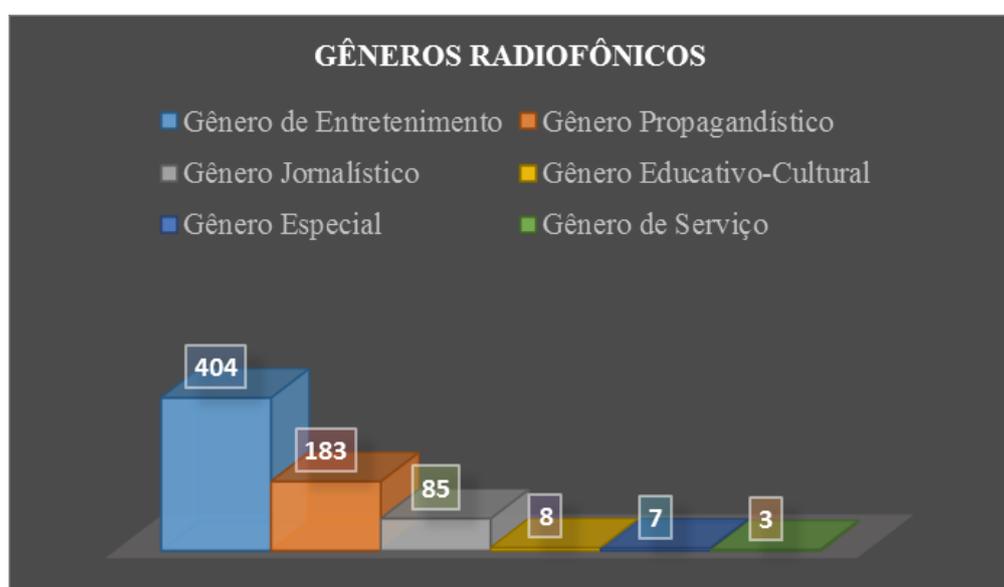
Assim sendo, a comunicação comunitária são reservadas exigências de vínculos identitários, não possuir finalidades lucrativas, e estabelecer

⁶ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9612.htm. Acesso em 02 de abril de 2015.

relações horizontais entre emissores e receptores com vistas ao empoderamento social progressivo da mídia e ampliação da cidadania (PERUZZO, 2011, p. 24).

No Gráfico 2, apresentado na sequência, as informações quanto aos programas que compõem as programações das 61 emissoras que foram mapeadas. As grades de programações foram organizadas inicialmente em um arquivo no programa de computador Word, depois reunidas de acordo com o gênero em tabelas do Excel, com os nomes das produções radiofônicas e a quantidade de programas por gênero. Os dados foram centralizados em gráficos, um apresentando todos os gêneros radiofônicos e outro mostrando as especificidades dos gêneros de entretenimento e propagandístico.

Gráfico 2 – Gêneros radiofônicos e suas respectivas quantidades encontradas nas emissoras



Fonte: As autoras.

Nota-se, no Gráfico 2, a predominância do gênero de entretenimento nas emissoras mapeadas, são 404 programas, e baseado nos formatos indicados por Barbosa Filho (2003) – (programa musical, programação musical, programa ficcional, programete artístico, evento artístico e programa interativo de entretenimento) encontram-se apenas os dois primeiros. Verifica-se também um grande número de programas do gênero propagandístico, são 183 produções.

Em terceiro lugar, com 85 programas, está o gênero jornalístico (nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalísticos, mesas-redondas, debates, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica), (BARBOSA, 2003). As produções transmitem informações, mas nem todas são de caráter essencialmente jornalístico.

7 Para verificar as notícias fornecidas pelo site, acessar: <http://www.1cn.com.br/>. Acessado em 26 de janeiro de 2016.

Alguns desses programas mesclam jornalismo e entretenimento. Existem também os programas, programetes ou áudios com notícias que são fornecidas por agências de notícias, com destaque para a Central de Notícias⁷, uma agência de notícias maranhense. Outros programas são basicamente compostos pela leitura de informações extraídas de sites de notícias, seguidas de comentários. Determinadas produções locais duram duas horas e são divididas entre uma hora para entretenimento e outra hora para informação. Além desses três gêneros, que se sobressaem nas grades de programações, percebem-se ainda oito programas do gênero educativo-cultural. Este se enquadram nos formatos programa instrucional, audiobiografia, documentário educativo-cultural e programa temático (BARBOSA, 2003).

A Tabela 1, a seguir, nos mostra em que rádios encontram-se o gênero educativo-cultural que, em função de sua natureza, deveria estar presente em todas as emissoras comunitárias, não apenas por um cumprimento da lei, mas pela relevância para a comunidade. Apenas as emissoras Ecos Vida e Rádio Cidade, estabelecidas como comunitárias, transmitem esse gênero. A ênfase é para o trabalho da Rádio Educativa Boa Notícia. Ressalta-se que a maioria de produções dessa natureza está inserida na programação do final de semana. O espaço ocupado na programação parece ser menos relevante que alguns do gênero de entretenimento e propagandístico.

Tabela 1 – Programas do Gênero Educativo-Cultural

CIDADES	RÁDIOS	PROGRAMA	HORÁRIO
Imperatriz	Rádio Cidade	Rádio Escola	14:00 às 16:00 aos sábados
Imperatriz	Mirante AM	Memórias do Rádio	14:00 às 16:00 aos sábados
Fernando Falcão	Ecos Vida	Programete Espertone (conhecimentos gerais)	Durante a programação diária
Fortaleza dos Nogueiras	Rádio Cidade	Escola da Cidadania	09:00 às 10:00 aos sábados
Balsas	Boa Notícia	Cultura e Cidadania	13:00 às 14:30 seg. à sexta
Balsas	Boa Notícia	Marista em Ação (educativo)	16:30 às 17:00 aos sábados
Balsas	Boa Notícia	Marlene Garcez (educativo)	16:00 às 16:30 aos sábados
Balsas	Boa Notícia	Galpão de Estância (cultural)	06:00 às 08:30 aos domingos

Fonte: As autoras.

Como gênero especial, Barbosa (2003) define os programas infantis e de variedades, formatos que agrupam um pouco de todos os gêneros já citados. A partir dessa concepção, sete programas são relacionados, com destaque para Espaço Criança, o único infantil, veiculado na Rádio Cidade, de Imperatriz de 11:00 às 12:00, aos sábados. Por fim, no gênero de serviços (notas de utilidade pública, programete de serviço, programa de serviço), os programas Assistência Social, da Rádio Cidade, de Imperatriz, Saúde e Vida, da Rádio Boa Notícia e o Saúde

8 Disponível em: http://www.radioestudiobrasil.com.br:7080/site2015/?page_id=9599. Acessado em 29 de fevereiro de 2016.

com Beleza, uma produção do Rádio Estúdio Brasil⁸, que fornece programas de rádio gratuitamente para emissoras de todo o país. Esse programa é veiculado nas rádios Ecos Vida, de Fernando Falcão, Rádio Cultura, de Açailândia a e Rádio Cidade, de Fortaleza dos Nogueiras.

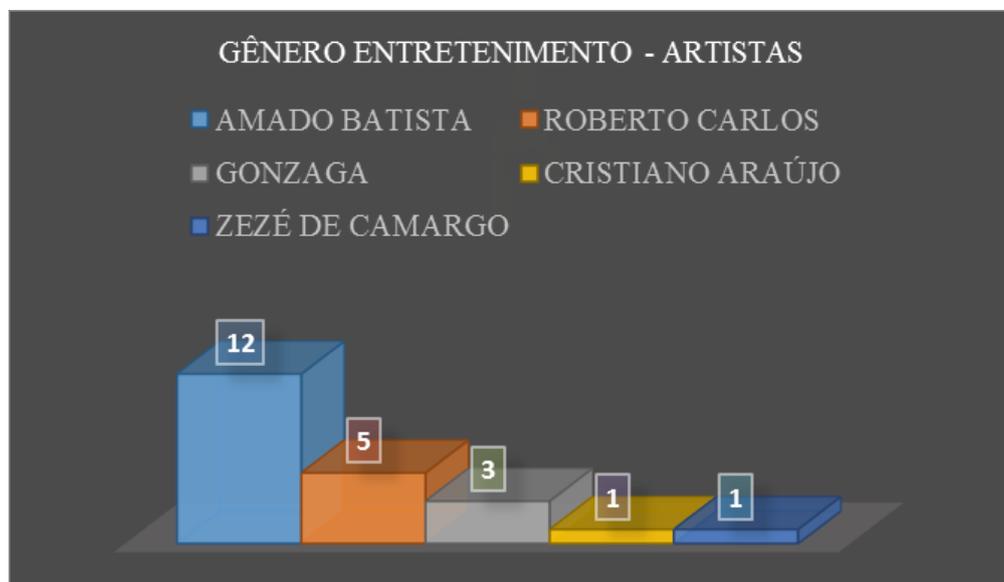
Programas do gênero de entretenimento e propagandístico

A existência de um considerável número de programas do gênero de entretenimento nos fornece pistas para verificar as escolhas quanto aos estilos musicais, os artistas favoritos que recebem nomes de programas e ainda produções nacionais que se repetem nas emissoras. A tentativa de preencher a programação deve ser um dos motivos que leva as rádios a buscar programas disponíveis na web. Ligação Nacional, apresentado por Edelson Moura⁹, é um desses exemplos, um programa popular disponibilizado gratuitamente através da Rádio Estúdio Brasil. Sete emissoras o transmitem, entre elas, apenas uma é comercial. O espaço destinado ao programa é de uma hora, tempo este que poderia ser preenchido com músicas de artistas locais, regionais, ou ainda, informação. As Pegadinhas do Mução¹⁰ é um programa de humor que também se repete, mas apenas em três emissoras. O Gráfico 3 mostra os artistas que receberam o nome de programas.

9 Disponível em: http://www.radioestudiobrasil.com.br:7080/site2015/?post_type=albums&p=9500. Acessado em 29 de fevereiro de 2016.

10 Disponível em: <http://www.mucao.com.br/v2/>. Acessado em 29 de fevereiro de 2016.

Gráfico 3 – Artistas que são nomes de programas e seus quantitativos



Fonte: As autoras.

Além de produções nacionais, são valorizados programas exclusivos com artistas nacionais, entre eles destacam-se Amado Batista e Roberto Carlos. Gonzaga é o que mais se aproxima da cultura nordestina, mas ocupa espaço apenas em três emissoras. Do ponto de vista de comunicação comunitária, seria ideal a inserção de programas que valorizassem os artistas locais, com espaços não apenas para a

música, com um programa intitulado “cantor fulano de tal”, mas para conhecer a trajetória desses profissionais que representam determinados locais e culturas. Além desse dado, outra constatação é quanto aos estilos musicais que prevalecem em denominações de programas, organizados no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Estilos musicais que fazem parte dos programas das emissoras mapeadas



Fonte: As autoras.

Na sistematização desses estilos musicais verificaram-se os nomes dos programas que apresentavam um dos estilos representados pelo Gráfico 4. As terminologias variam de Central do Sertanejo, Top Forró, Açai Reggae, Pagode Mania, Brasil Brega Show, Dance Ponto Com, Forró Breganejo, entre outros. As quantidades de programas visualizados no gráfico não estão diretamente relacionadas com o número de emissoras radiofônicas, pois em uma mesma rádio pode existir, por exemplo, mais de um programa sertanejo. Uma tendência musical no Brasil nos últimos anos, o sertanejo, também domina as rádios Sulmaranhenses. Dados fornecidos pelo Ibope Media¹¹ informam que para 50% dos entrevistados, o estilo sertanejo é o mais ouvido, seguido do MPB, com 41% das preferências.

O segundo estilo preferido dos maranhenses, representando no Gráfico 4, é relacionado ao reggae. No Maranhão, ele predomina, principalmente em São Luís, considerada a “Jamaica brasileira”, conforme apresentam as pesquisadoras maranhenses Morias e Araújo (2008, p. 6) no artigo “O Reggae, da Jamaica ao Maranhão: presença e evolução”.

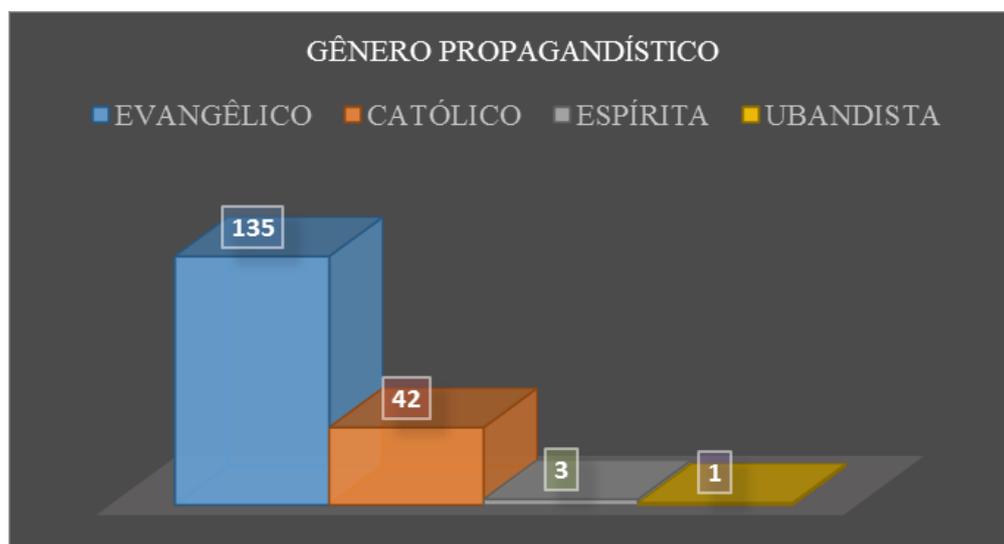
Para o Maranhão, o reggae trouxe uma semelhança rítmica com uma das maiores e mais antigas expressões da cultura popular local, o Bumba-meu-Boi, uma síntese das culturas africanas, indígenas e europeias. É difícil e contraditório definir exatamente quando e como esse

¹¹ O levantamento foi realizado entre os meses de janeiro e março de 2015. Mais informações sobre os resultados da pesquisa podem ser verificadas em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2015/08/05/Prestacao-de-servico-fortalece-o-radio.html>. Acessado em 20 de fevereiro de 2016.

ritmo veio parar no Maranhão e o porquê de tamanha identificação. Segundo Ademar Danilo, atual apresentador do programa de televisão África Brasil Caribe, a origem do reggae no Maranhão é de uma origem não comprovada, não há ninguém, não há nenhuma pesquisa que indique a data da chegada do reggae no estado; são vários fatores que contribuíram para que ele chegasse até aqui e pra São Luís ser conhecida como Jamaica Brasileira.

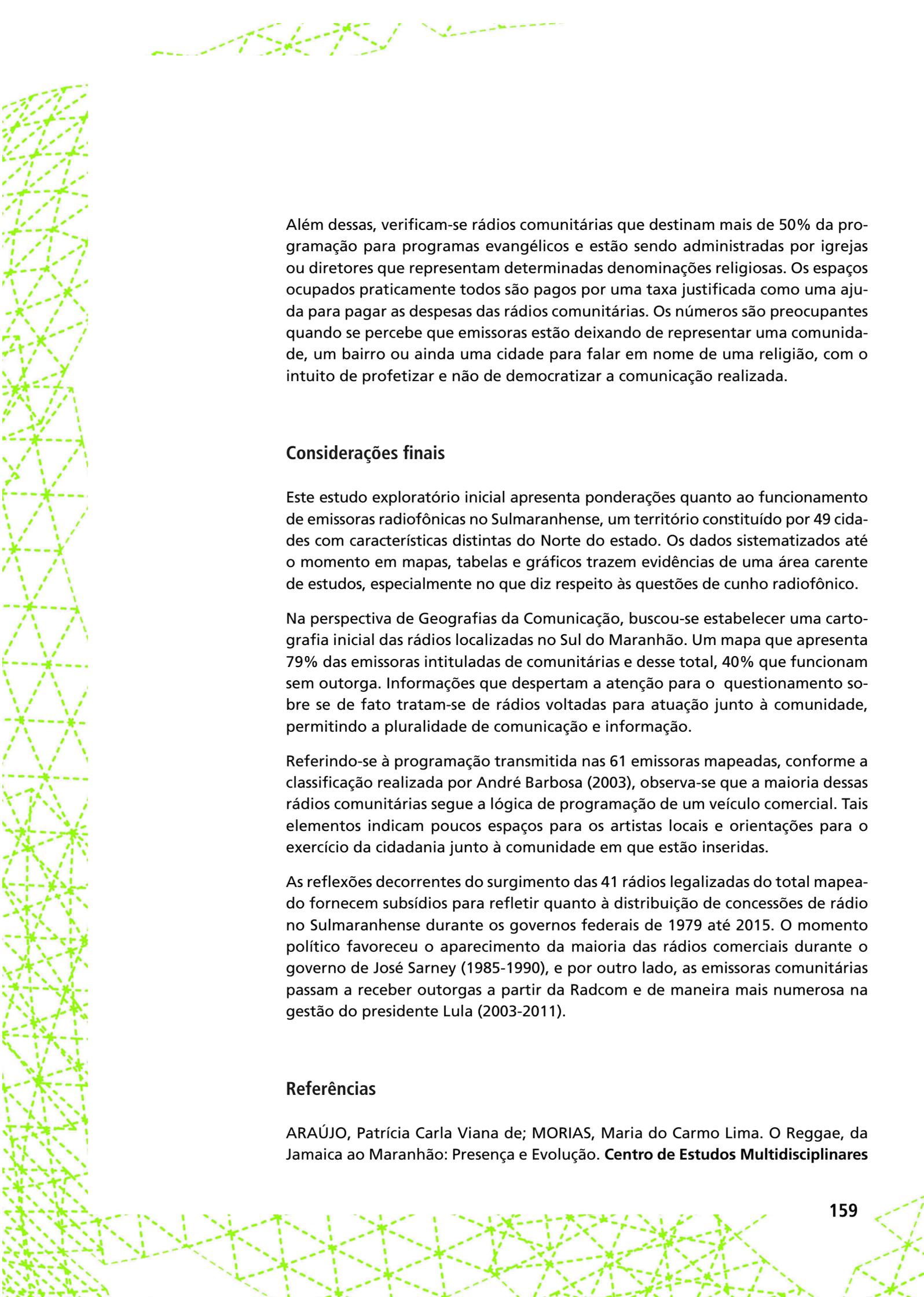
O brega e o forró também são apreciados pelos sulmaranhenses, esse último, expressa um pouco mais o Nordeste, entretanto, influenciado pelo mercado fonográfico atual, já não caracteriza tanto as culturas nordestinas nas letras musicais como nos tempos de Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro entre outros artistas (SILVA, 2010). No Sul do Maranhão, a influência do brega se dá também pela proximidade geográfica com o estado do Pará. Para alguns pesquisadores, Belém é a cidade que dá origem a esse estilo musical (FONTANELLA, 2008). O pagode e o *dance* ficam como opções menos frequentes para os ouvintes. Além dos programas de entretenimento, destacam-se as produções ligadas às igrejas. O Gráfico 5 exibe o quantitativo de programas por denominação religiosa.

Gráfico 5 – Quantitativo de programas propagandísticos e suas denominações



Fonte: Autoras.

Tem-se notado uma crescente participação das igrejas na programação das rádios. Essa percepção é mostrada no Gráfico 5 e observada em razão do número de programas veiculados nas emissoras radiofônicas das localidades em estudo. Quase todas as rádios têm pelo menos uma produção vinculada a alguma denominação evangélica. As rádios comerciais imperatrizenses, Cidade e Rádio 102, são declaradamente evangélicas, com mais de 90% da programação de cunho propagandístico.



Além dessas, verificam-se rádios comunitárias que destinam mais de 50% da programação para programas evangélicos e estão sendo administradas por igrejas ou diretores que representam determinadas denominações religiosas. Os espaços ocupados praticamente todos são pagos por uma taxa justificada como uma ajuda para pagar as despesas das rádios comunitárias. Os números são preocupantes quando se percebe que emissoras estão deixando de representar uma comunidade, um bairro ou ainda uma cidade para falar em nome de uma religião, com o intuito de profetizar e não de democratizar a comunicação realizada.

Considerações finais

Este estudo exploratório inicial apresenta ponderações quanto ao funcionamento de emissoras radiofônicas no Sulmaranhense, um território constituído por 49 cidades com características distintas do Norte do estado. Os dados sistematizados até o momento em mapas, tabelas e gráficos trazem evidências de uma área carente de estudos, especialmente no que diz respeito às questões de cunho radiofônico.

Na perspectiva de Geografias da Comunicação, buscou-se estabelecer uma cartografia inicial das rádios localizadas no Sul do Maranhão. Um mapa que apresenta 79% das emissoras intituladas de comunitárias e desse total, 40% que funcionam sem outorga. Informações que despertam a atenção para o questionamento sobre se de fato tratam-se de rádios voltadas para atuação junto à comunidade, permitindo a pluralidade de comunicação e informação.

Referindo-se à programação transmitida nas 61 emissoras mapeadas, conforme a classificação realizada por André Barbosa (2003), observa-se que a maioria dessas rádios comunitárias segue a lógica de programação de um veículo comercial. Tais elementos indicam poucos espaços para os artistas locais e orientações para o exercício da cidadania junto à comunidade em que estão inseridas.

As reflexões decorrentes do surgimento das 41 rádios legalizadas do total mapeado fornecem subsídios para refletir quanto à distribuição de concessões de rádio no Sulmaranhense durante os governos federais de 1979 até 2015. O momento político favoreceu o aparecimento da maioria das rádios comerciais durante o governo de José Sarney (1985-1990), e por outro lado, as emissoras comunitárias passam a receber outorgas a partir da Radcom e de maneira mais numerosa na gestão do presidente Lula (2003-2011).

Referências

ARAÚJO, Patrícia Carla Viana de; MORIAS, Maria do Carmo Lima. O Reggae, da Jamaica ao Maranhão: Presença e Evolução. **Centro de Estudos Multidisciplinares**

(Cult), Salvador – BA, maio de 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/ene-cult2008/14539.pdf>. Acessado em 08 de fevereiro de 2016.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

FEITOSA, Sérgio, et. al. A comunicação na cartografia. **Revista Eletrônica Don Macênico**, Guarujá, edição nº 6, janeiro-junho de 2013. Disponível em: <http://faculadadedondomenico.edu.br/novo/revista_don/artigos5edicao/1ed5.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2016.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FONTANELLA, Fernando Israel. Do Brega Popularesco Calypso do consumo: Corpo e subalternidade na hegemonia do consumo. **Revista ContraCultura**, Rio de Janeiro, nº 2, abril de 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistacontracultura/Do%20Brega%20POPULARESCO%20ao%20Calypso%20Artigo.pdf>>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2016.

FRANKLIN, Adalberto; SOUSA, Jailson de Macedo. Formação socioespacial da Região Sulmaranhense: da emergência de Pastos Bons à constituição de uma região policêntrica. In: SOUSA, Jailson de Macedo (org.). **O regional e o urbano no Sul do Maranhão**: delimitações conceituais e realidades empíricas. Imperatriz, MA: Ética, 2013, p. 21-81.

MELO, José Marques de. Prefácio. In: MOREIRA, Sonia Virgínia (Org.). **Geografias da Comunicação**: espaço de observação de mídia e de culturas. São Paulo: Intercom, 2012, p. 07.

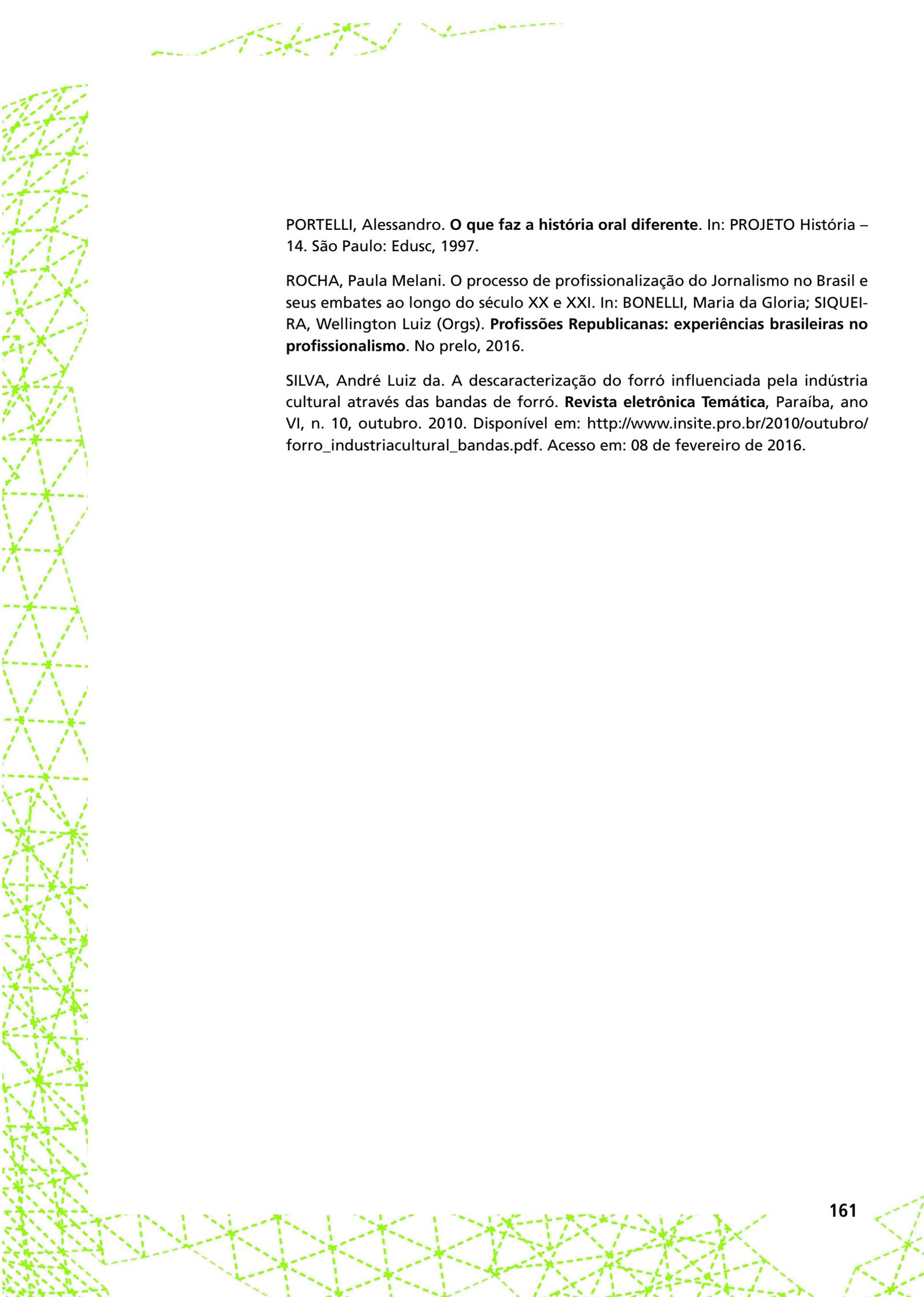
MOREIRA, Sonia Virgínia. Por que Geografias, no plural, para a Comunicação? In: MOREIRA, Sonia Virgínia (Org.). **Geografias da Comunicação**: espaço de observação de mídia e de culturas. São Paulo: Intercom, 2012, p. 09-17.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O Rádio na Era da Convergência das Mídias**. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2012.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

_____. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. In: BARBALHO, Alexandre; FUSER, Bruno; COGO, Denise (Orgs.). **Comunicação e cidadania**: questões contemporâneas. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2011.

PINHEIRO, Roseane A. Nas ondas da pioneira. **Jornal O Estado do Maranhão**. Caderno Alternativo. Série: história e imprensa. São Luís, p.3, 2 de janeiro de 2005.



PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** In: PROJETO História – 14. São Paulo: Edusc, 1997.

ROCHA, Paula Melani. O processo de profissionalização do Jornalismo no Brasil e seus embates ao longo do século XX e XXI. In: BONELLI, Maria da Glória; SIQUEIRA, Wellington Luiz (Orgs). **Profissões Republicanas: experiências brasileiras no profissionalismo.** No prelo, 2016.

SILVA, André Luiz da. A descaracterização do forró influenciada pela indústria cultural através das bandas de forró. **Revista eletrônica Temática**, Paraíba, ano VI, n. 10, outubro. 2010. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2010/outubro/forro_industriacultural_bandas.pdf. Acesso em: 08 de fevereiro de 2016.